



Representantes de Escola

O QUE FAZER

?

INTOLERÂNCIA

PLURALIDADE

PROBLEMA

O QUE FAZER?

A Pluralidade da Intolerância

A PLURALIDADE DA INTOLERÂNCIA esse é o tema que será analisado no próximo Encontro dos Professores Representantes de Escola, no dia 3 de junho. O tema violência, indisciplina e disciplina na escola foi um dos mais votados na pesquisa realizada no último Encontro.

Por que intolerância? Porque a violência e a indisciplina na escola têm vários contornos, desde a violência simbólica, como um gesto de desprezo, até a depredação, as brigas, agressões e a apatia, o que nos dá segurança para falar em violência e indisciplina.

No próximo encontro o tema será retomado, dessa vez, pelos nossos convidados: os Juízes Doutor Marcelo Salmaso e Doutora Renata Salmaso e a Psicóloga Monica Mumme. Eles falarão a respeito do projeto "Justiça Restaurativa" e do trabalho que desenvolvem nesse campo.

Com esse subsídio procuramos contribuir para qualificar ainda mais a participação dos educadores durante o Encontro.

José Maria Cancellero
Presidente do CPP

O que revela a violência e/ou indisciplina na instituição escolar?

ANTES DE TUDO: analisar as manifestações de violência e indisciplina na escola exige do educador: coragem, o reconhecimento das especificidades de cada situação e a compreensão dos proces-

sos mais abrangentes que produzem qualquer forma de violência e indisciplina não só na escola, mas em outras instituições e inúmeras situações da vida moderna.

O trabalho contra a violência e indisciplina na escola começa e se desenrola apoiado no conhecimento sistematizado, na leitura e discussão do saber consolidado a respeito do assunto.

O QUE É PRECISO PARA DESAFIAR A VIOLÊNCIA E A INDISCIPLINA?

- ♦ Reconhecer que tanto os atos de violência como de indisciplina precisam ser contextualizados historicamente, porque não estão descolados do viver, do vir-a-ser das instituições, dos valores estabelecidos universalmente, das políticas econômicas, sociais e culturais adotadas no país, na instituição e valorizadas internacionalmente.

- ♦ Reconhecer que esses fenômenos são muitas vezes "tragédia anunciada", não aparecem do nada. Eles são socialmente construídos.

- ♦ Reconhecer as especificidades das situações e buscar compreender os processos mais abrangentes que contribuem para gerar atos de indisciplina e/ou condutas violentas no interior da instituição escolar.

- ♦ Reconhecer e enfrentar, talvez o mais difícil, que no trabalho cotidiano nas escolas, tanto são incorporadas as ameaças do seu exterior, como os conflitos e exclusões provocados pela própria instituição.

- ♦ ...

O QUE FAZER? A resposta a estas questões não é única. Entre os profissionais da educação duas correntes parecem predominar:

① A "sociologizante". Nesse caso são enfatizadas

as consequências das determinações macroestruturais sobre a escola, ou seja, as coordenadas políticas, econômicas e culturais, do mundo moderno, como a pobreza, o analfabetismo, a própria Educação/Escola que não possui os padrões condizentes com a necessidade da sociedade, dentre outras.

② A "clínico-psicologizante". Nessa perspectiva a questão está centrada na necessidade de se diagnosticar e cuidar as "personalidades violentas", que influenciam a convivência entre os pares na escola.

Às vezes, as análises combinam as duas visões.

PROBLEMA. O entendimento e adoção de uma das correntes ou até as duas para explicar e solucionar as manifestações de violência/indisciplina na escola marca as ações no interior, no seu exterior e no seu entorno. De que forma? Como ambas remetem o problema e/ou solução para "o de fora" ou para "o outro", elas tornam os profissionais da educação e os estudantes reféns de intervenções externas que, segundo essas correntes, não dependem de suas ações. A atitude "passar o problema" acaba provocando a sensação de que é impossível intervir, restando apenas o medo, a paralisação e, é claro, o sentimento de que não adianta se comprometer com a busca de mudança.

